

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE JORNALISMO  
ALUNA: MARIANA DAUWE

RELATÓRIO DE PROJETO EXPERIMENTAL

Grande Reportagem intitulada:  
**“A busca pelo artificial numa cultura de apelos”**

A idéia de realizar o meu trabalho de conclusão de curso no exterior não surgiu de uma hora para outra. Em julho do ano 2001, estive na Califórnia visitando um rapaz que conhecia meses antes, numa viagem de quase um ano à Austrália. Matthew, cidadão americano nascido e criado em Laguna Beach, Califórnia, me mostrou lugares desconhecidos para o turista brasileiro convencional, de modo que pude presenciar, entre seu grupo de amigos e na vida noturna da cidade, situações estranhas para mim.

Na época – indo para a sexta fase do curso de jornalismo – eu passei a visualizar que tipo de trabalho de conclusão de curso eu poderia realizar num lugar como o sul da Califórnia, por mera conveniência dada a conclusão que Matthew e eu chegamos de que queríamos estar juntos e o lugar escolhido era o dele. De qualquer maneira, acreditava que fazer o trabalho fora do país me acrescentaria não só uma experiência de vida interessante, mas a possibilidade de explorar alguma realidade além dos limites bairristas de onde cresci, e que de certo modo não mais me satisfiziam depois das viagens que realizei nos últimos anos.

Matthew sempre me chamara a atenção para o uso de drogas entre a juventude californiana, ainda abalado pela morte de um amigo no ano anterior, devido ao abuso de ecstasy. O estranhamento de alguém nascido e criado naquele meio me pareceu motivo suficiente para dar crédito ao assunto. De volta ao Brasil, passei a ler a respeito e descobri inúmeros sites na internet falando da “Guerra às Drogas”, questão controversa nos Estados Unidos. Esses sites apresentavam histórias e dados estatísticos alarmantes, embora nem todos fossem dignos de serem levados a sério. Meu interesse cresceu substancialmente quando percebi a ironia entre a propaganda do governo americano nesta “guerra” e o uso freqüente de drogas entre a juventude abonada do sul da Califórnia, lugar onde o “capitalismo selvagem” gera uma “cultura de apelos” consumistas, uma espécie de busca da realização pessoal através dos prazeres que o dinheiro compra – daí o título do projeto.

Separados em função das nossas obrigações pendentes, Matthew e eu conversávamos sempre sobre uma possível volta minha aos Estados Unidos no ano seguinte, para a realização deste trabalho de conclusão de curso. Nos três meses que ele passou Brasil, no início de 2002, amadurecemos a idéia e estabelecemos que este assunto daria “pano para a manga” e que ele me ajudaria no que fosse preciso para a realização da pesquisa, que seria realizada assim que eu completasse a minha carga de disciplinas obrigatórias e optativas na universidade e tivesse condições de viajar de novo. Por conta disso, na sétima fase eu cumpri todas as optativas que me faltavam – num total de seis disciplinas de quatro créditos – mais as obrigatórias, e fiquei livre para viajar assim que o semestre acabou em setembro de 2002.

As dificuldades que eu enfrentei eram esperadas, por ser um trabalho a nível internacional, e a minha preparação não ter sido tão voltada a ele quanto à viagem como um todo, porque novamente eu estava saindo para uma permanência longa num país de língua inglesa, longe da família e amigos, e desta vez eu teria que não só realizar a pesquisa de campo para o trabalho, mas me adaptar à nova vida a dois, arranjar – e manter – uma fonte de sustento, embora sem permissão legal para tanto, e conviver com pequenos

---

choques culturais diários, que muito ajudaram a confundir – e outras vezes esclarecer – alguns dos aspectos dignos de análise para a realização da reportagem.

A língua também foi uma barreira no começo: embora já fluente no inglês desde a experiência australiana, estava enferrujada na pronúncia das palavras e não tinha noção de muitas expressões e gírias utilizadas pelo povo americano, especialmente da juventude que era o foco do projeto. Matthew foi de uma paciência e colaboração de outro mundo, e muito pouco eu teria tido condições de realizar sem o apoio dele. Juntos marcamos e realizamos as entrevistas, e a sua formação como professor de História também contribuiu para uma freqüente troca de idéias que iam acrescentando, aos poucos, um conhecimento mais abrangente daquela realidade através do ponto de vista de alguém nascido e criado lá, cujo estilo de vida e forma geral de pensamento eram, até então, só conhecidos por mim através do cinema e da mídia.

Meus entrevistados foram escolhidos baseados nas circunstâncias, e nas histórias que eu ia ouvindo no desenrolar do projeto. O oficial do programa D.A.R.E., Zach Martínez, a princípio declarou ser muito ocupado para conversar comigo e foi com alguma insistência e recados na secretária eletrônica que eu consegui obter a entrevista. Mas em geral as pessoas se mostraram interessadas, e concordaram em falar abertamente sobre o que eu queria saber. O fato de eu ser brasileira e prometer que a reportagem não seria publicada em inglês me ajudou a obter alguns depoimentos e ser autorizada a utilizar os nomes reais.

O ex-trafficante Gene O., figurinha conhecida em Laguna Beach, não só concordou em me dar entrevista como se entusiasmou um pouco demais com a idéia, chegando a me oferecer o escritório da sua casa, alegando que tinha acesso livre à internet e uma máquina de fax que me poderia ser útil (!). Matthew chegou a ficar preocupado com a história, porque como professor de colégio não ia ser nada interessante que ficassem sabendo que ele andava recebendo ex-presidiários na sua casa, trazendo consigo substâncias ilegais. Tempos depois de realizada a entrevista, e a contragosto de Matthew, Gene O. ainda ligava para conversar amenidades e comentar as condições do mar para o surfe.

O juiz federal David Carter mostrou-se solícito, e o fato de conhecer Matthew desde que este era pequeno foi determinante para que ele me concedesse a entrevista. O esquema de segurança do Tribunal de Justiça onde ele trabalha, porém, não ajudou em nada: na entrada fomos revistados e confiscaram o gravador, sem o qual ficou complicado ir a fundo em algumas questões, e Matthew e eu tivemos que nos revezar entre fazer perguntas e anotar as respostas. Este foi um dos maiores desafios de todo o projeto, porque era uma entrevista séria, toda realizada em inglês, e a agilidade de pensamento de Carter não correspondia à nossa rapidez em fazer anotações à mão: muito do que ele disse e poderia ter sido utilizado na matéria foi mal anotado, portando esquecido. Estar frente a frente de um homem da importância de Carter foi intimidante, uma experiência de fato marcante – principalmente quando, findada a entrevista, ele quis saber a opinião dos brasileiros sobre a guerra que estava para despontar a qualquer momento no Iraque, e ouviu atentamente a minha versão baseada no que eu havia lido a respeito e formulado por conta própria. Naquele momento me senti de uma responsabilidade sem tamanho, além de completamente ignorante.

Ao longo da reportagem, utilizo uma série de dados obtidos em sites especializados na Internet, minha principal fonte de pesquisa além das entrevistas. Tomei o cuidado de só inserir no texto os dados retirados de sites oficiais (“xxx.org” ou “xxx.gov”), dada à imensa quantidade de sites outros que traziam informações e estatísticas as mais diversas a respeito do uso de drogas e gastos do governo, porém não eram “fontes seguras” (gosto de acreditar que as que eu utilizei o são). Algumas pesquisas conhecidas que dizem respeito à Guerra às Drogas podem ser encontradas na sua versão original em dezenas de sites diferentes, mas a maioria deles não me inspiraram confiança por serem radicalmente contra

---

os métodos do governo americano nesta “guerra”. O oficial do programa DARE, Zach Martínez, indicou-me alguns sites onde eu poderia obter informações seguras, assim como o juiz David Carter. A secretária deste me forneceu uma cópia do seu discurso na Escola de Magistratura do Rio de Janeiro de 1994, que eu traduzi para o português, utilizando, assim, alguns trechos dela para mostrar mais claramente a visão do juiz – que reflete a do governo americano – nas questões abordadas.

Uma das primeiras dúvidas que eu tive, ainda na definição do que seria o projeto, dizia respeito à relevância que teria este “recorte da realidade” realizado em outro país, e que interesse teria um observador brasileiro na história que eu queria contar. A idéia de fazer um paralelo do uso de drogas entre a juventude americana e a brasileira chegou a fazer parte dos meus planos, porém a complexidade do assunto me desencorajou a botar isso em prática. A princípio, perguntava-me se o abuso de drogas entre os jovens californianos que eu conhecera não seria semelhante àqueles de condição social parecida no Brasil, e se o meu estranhamento inicial não era gerado por uma certa ignorância de outras realidades aqui mesmo. É certo que, por pertencer a um meio universitário e sair na noite florianopolitana, também convivo com substâncias as mais diversas e pessoas que fazem uso indiscriminado delas. Mesmo assim, não me pareceu absurdo que o recorte fosse feito naquela região, mais pela controvérsia que o assunto gera e suas implicações mundiais – principalmente no combate acirrado ao narcotráfico na América Latina – do que pelo próprio uso de narcóticos pela juventude em si, que acontece em maior ou menor escala em quase todos os lugares do mundo.

Outras idéias me vieram à cabeça naquela época. Falar sobre a situação dos brasileiros trabalhando ilegalmente na Califórnia foi uma delas, e eu teria condições de realizá-la não no lugar onde morei – onde os brasileiros eram inexistentes – mas nas regiões próximas e cidades vizinhas como San Clemente e San Diego, reduto de brasileiros jovens, principalmente estudantes. Porém essa idéia não me pareceu tão original quanto a outra, e a idéia de viajar em busca de brasileiros não se encaixava nos meus planos de vivência no país. Também me ocorreu fazer um aparato da visão dos americanos sobre o terrorismo, um ano após o 11 de setembro, ou mesmo falar do preconceito com os estrangeiros, um problema tido como “clássico” daquele país e que se acentuou após os atentados terroristas em 2001. A primeira idéia, porém, prevaleceu, e pensando nela desembarquei nos EUA, não sem antes passar por uma situação traumatizante na Imigração do Aeroporto de Atlanta, onde fiz escala.

Tenho consciência de que este trabalho deixou a desejar em alguns sentidos. A minha não-definição prévia de um roteiro dificultou o início das entrevistas e atrasou a definição do foco que eu queria dar ao texto. O alto custo de vida naquela região e a necessidade de me manter independente fizeram com que eu me dedicasse ao emprego que arranjei de uma maneira inédita na minha vida. A partir da segunda semana, estava trabalhando de seis a oito horas diárias numa empresa de fotojornalismo chamada *Zuma Press*, cujo dono, que já morou no Brasil e fala português fluente, contrata pessoas como eu – a única sul-americana entre meia-dúzia de europeus – que têm habilidade para o trabalho mas nenhum visto que nos permita realizá-lo legalmente nos Estados Unidos. Bom negócio para ele, que contrata trabalhadores fiéis – dificilmente arranjaríamos melhor emprego – e gasta menos conosco do que com os outros trabalhadores, que ganham mais porque têm descontado os altos impostos que o governo americano arrecada.

Minha função na agência era escanear e “ajeitar” no Photoshop centenas de slides, a maioria de celebridades hollywoodianas em *premieres* de filmes e premiações como o Oscar. A breve experiência com o Photoshop no curso de Jornalismo serviu para que eu me sentisse segura para pedir o emprego e me empenhar a aprender aquilo que eu esquecera ou nunca usara antes. Após um mês na agência, a saída de uma garota fez com que eu

acumulasse uma terceira função: a de colocar legendas nas fotos, um desafio para alguém que tem o inglês como segunda língua. A confiança do pessoal da agência de que eu poderia realizar o trabalho foi um estímulo para que eu aumentasse o número de horas passadas lá, e a liberdade de poder trabalhar quantas horas que eu quisesse me estimulava a trabalhar o máximo possível, pensando nos dólares que acumulava, e que me permitiriam o retorno ao país após a minha formatura no Brasil

O trabalho de pesquisa ia sendo realizado paralelamente a esses dias de muito tratamento de imagens e legendas em inglês. Uma outra dificuldade que enfrentei foi o fato de eu não estar convivendo com brasileiros, e o único contato com o português que eu tinha era nas conversas superficiais com o meu chefe, ele no seu forte sotaque americano. Escrever e-mails e falar no telefone tornaram-se tarefas difíceis, porque depois de um certo tempo a minha primeira língua me soava artificial e as influências da segunda eram facilmente percebidas por quem conversava comigo.

Esse “desacostume” à língua portuguesa me trouxe alguma angústia quando comecei a escrever os primeiros esboços do que viria a ser este trabalho de conclusão de curso. A minha salvação eram os computadores da agência, onde eu tinha acesso irrestrito à internet e podia ler notícias em sites brasileiros, além de pesquisar material para a reportagem sempre que era possível. Com algumas semanas de trabalho, tive condições de comprar um *lap top* usado e escrever à noite as primeiras linhas da reportagem, porém as oito horas diárias passadas na frente da tela do computador me desanimavam para que acontecesse uma produção mais intensa nesse sentido, uma vez que chegava em casa exausta e com constantes dores de cabeça (minha miopia aumentou consideravelmente naqueles meses e adquiri meio grau de astigmatismo em cada olho).

De lá eu conversava por e-mail com a professora Gilka, minha orientadora, e assim decidimos que eu pediria um conceito “P”, já que estava voltando na metade de fevereiro de 2002 e as bancas aconteceriam em março. Com um material razoável mas muito pouca coisa escrita, relaxei, porque o conceito “P” me daria tempo para escrever a reportagem no conforto da minha casa no Brasil, e o reencontro com a língua portuguesa tornaria a produção mais eficiente. Retornei à pátria amada num abafado 14 de fevereiro, e desde então dediquei-me a escrever o texto, com um intervalo restaurador no começo de abril, quando Matthew teve duas semanas de férias e decidiu passá-las no Brasil.

O resultado são as 55 páginas de texto que acompanham este relatório, decorrentes de alguma pretensão, ansiedade e suor, que tem os seus “buracos” no meio e diversas faltas marcantes, mas foram escritas com a mesma sinceridade com que escrevo essas linhas e as de minha vida. Basicamente tentei mostrar – e ainda não sei se ficou claro – as influências do “capitalismo agudo” nas escolhas de vida da juventude californiana, e se reflete no uso de drogas. E também do contraste entre a realidade observada por mim nos meios típicos da juventude de lá, com a luta do governo americano e seus investimentos bilionários dentro e fora dos Estados Unidos, geradores de controvérsias, como quase tudo o que vem do grande Império.

Sei que se eu tivesse chances de refazê-lo, muitas coisas teriam sido pensadas e realizadas de maneira diferente. Confesso que pretendia abordar muitas outras questões e visualizei um trabalho infinitamente superior em termos de informação e, principalmente, coerência. Mas acredito que isso ocorra com quase todos os formandos em jornalismo: uma das frases que mais tenho ouvido, conversando com meus colegas, é que o resultado do TCC nunca é o que se esperava no começo, e na maioria das vezes é inferior.

Por isso dou-me por vencida e apresento o trabalho, assim como está, à banca examinadora. De resto, agradeço à minha mãe a chance que eu tive de fazer essa viagem, à orientação imprescindível da Gilka e ao Matthew, por existir neste mundo louco.

Florianópolis, 24 de abril de 2003